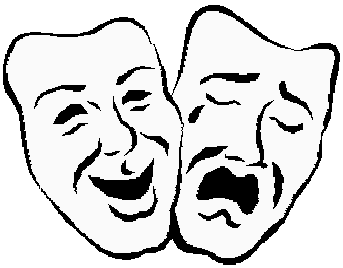
# *O HAMLET CAÓTICO*

*Livre Adaptação da Obra de*
*William Shakespeare*



*por*

*Damnus Vobiscum*

*Damnus Vobiscum*

# *O HAMLET CAÓTICO*

*Livre Adaptação da Obra de*
*William Shakespeare*

# *INTRODUÇÃO*

O Hamlet Caótico foi assim denominado por tratar-se das lembranças de um Horácio já idoso, mas ainda influenciado pelos acontecimentos do passado. Tratam-se de suas memórias da tragédia shakespeareana – da maneira como ele a recorda – as quais são apresentadas ao público de forma aleatória, assim como um velho se lembraria de fatos ocorridos em sua juventude. Não é uma releitura fiel e linear do drama: cenas foram emendadas, personagens foram cortados, locações foram mudadas e parte das intrigas da corte foi suprimida – justamente porque, por tratar-se da visão de um único participante da trama, o qual além de tudo deseja fazer uma narrativa rápida, clara e concisa do enredo proposto (como alguém que se propõe a contar algo resumidamente, sem entediar o ouvinte), é natural que grande parte dos detalhes seja excluída. É uma peça curta: cinco atos de uma única cena cada, onde os acontecimentos possuem uma dinâmica que praticamente não permite pausas – como se Horácio, acostumado a repetir mecanicamente o que conta, fizesse-o já com maestria, sem deixar lacunas de inatividade na costura de sua narração.

A abertura da peça, um dos episódios mais marcantes, sem dúvida, de toda tragédia, dá-se com o enterro de Ofélia. Cena do crânio, entrada do cortejo fúnebre e discussão entre Hamlet e Laertes (onde o futuro duelo final entre os dois fica subentendido). Segue-se, como segundo ato, a encenação dos atores, instruídos por Hamlet para impressionar Cláudio.

Confissão de Cláudio diante do oratório (com Hamlet ouvindo tudo sem que o mesmo perceba), diálogo de Hamlet com a mãe, a rainha Gertrudes, morte de Polônio e segunda e última aparição do fantasma do rei (a qual ocorre antes da primeira na ordem caótica da peça). Em seguida vem o famoso monólogo, ao qual segue-se o primeiro encontro de Hamlet com o fantasma do pai. Tudo acontece de forma que o ato seguinte explica um pouco do anterior, e quem ainda não conhece a tragédia terá, certamente, uma experiência no mínimo nova (quem a conhece talvez acuse o roteirista de heresia). O duelo entre Hamlet e Laertes fecha a peça, como não poderia deixar de ser. Cada ato tem uma curta introdução de Horácio – divagações de um ancião amargurado que, entretanto, visam objetivar uma interação entre a platéia e o drama ali apresentado e sentido, aparentemente, apenas por ele – visto que todos os outros personagens centrais estão mortos.

Pode-se dizer que a adaptação é uma homenagem a Horácio, personagem um tanto quanto secundário no enredo original. Último sobrevivente e responsável pela memória dos fatos, ele é quem reconta o ocorrido, cumprindo uma promessa interior que talvez tenha feito frente às palavras de um Hamlet moribundo:

*"...se um dia me amaste, amigo, em meio a este mundo áspero e frio, lembra-te de mim... procura viver para contar minha história."*

E ele vive para contá-la – a seu modo todo particular, naturalmente.

## *Ato I*

## *Cena única:*

# *O ENTERRO DE OFÉLIA*

***Personagens:***

– LAERTES
– CLÁUDIO
– GERTRUDES
– HAMLET
– HORÁCIO
– COVEIRO
– CARREGADORES

*Abrem-se as cortinas. Cenário: ambiente externo – um cemitério. Postado em pé no centro do palco, Horácio encontra-se sozinho, os braços cruzados, a cabeça abaixada. Um facho luminoso repentinamente incide sobre ele, que ergue o olhar dirige-se ao público:*

**Horácio:**

O que é a memória dos fatos? Um pouco é presenciado, outro tanto se escuta de terceiros e muito, inevitavelmente, se conjetura a respeito. Não estive presente a todos os eventos que aqui se desenvolverão, mas do que foi comentado, associado ao que minha razão definiu como provável, produziram-se estas versões... as quais, conquanto não sejam imagens irretocáveis da verdade, ao menos servirão de base para que possamos compreender o desenrolar dos acontecimentos. Das intrigas subterrâneas da corte, aliadas aos pensamentos mais obscuros de quantos participaram desta tragédia, apenas uma leve idéia se pode fazer. Quem sabe os motivos mesquinhos que rondam a imaginação doentia dos homens? Todos aqui reunidos *(gira o indicador acima da platéia)* certamente os conhecem, embora na maioria das vezes não ousem confessá-los... sequer para si mesmos.

*(Fecham-se as cortinas. Quando novamente se abrem, na extremidade esquerda do palco está Laertes, ajoelhado diante da sepultura de Polônio. Na outra extremidade um coveiro trabalha, escavando o solo. Pela esquerda entram Cláudio e Gertrudes.)*

**Gertrudes:**

As desgraças apresentam-se em série, caro Laertes. Mal terminamos de engolir um bocado amargo, outro igualmente intragável o sucede. Tua irmã, Ofélia... afogou-se.

**Laertes**
*(erguendo-se, voltando-se para eles):*

Afogou-se? Mas como?

**Cláudio:**

Há um lugar às margens de um córrego onde cresce um salgueiro. Sua densa folhagem se reflete nas calmas, traiçoeiras águas.

**Gertrudes:**

Para lá se dirigiu Ofélia, com enfeites florais nos cabelos rebrilhantes, sempre-vivas e margaridas e azaléias de cor púrpura que nossas aias e damas de companhia costumam chamar de dedos-de-defunto.

**Cláudio:**

Tua distraída irmã, querendo talvez pendurar a colorida guirlanda que trazia consigo num dos inúmeros galhos que pendem sobre o cristalino espelho das águas, resvalou e caiu, levando em sua queda os arranjos florais que confeccionara.